

Uma coleção de postais homenageia Machado de Assis*

Mauro Márcio de Paula Rosa**

Resumo

Este texto narra o demorado processo de identificação, aquisição e recuperação de uma dada iconografia machadiana. Organizada pelo Departamento de História e Documentação da prefeitura do então Distrito Federal – e lançada ao longo do ano de 1958 como parte das homenagens ao primeiro cinquentenário de morte de Machado de Assis –, a iconografia é composta de 66 cartões postais divididos em cinco distintos grupos temáticos. Ver-se-á, durante a narrativa, que não parece existir cópia desses cartões nos principais arquivos iconográficos do país, embora muitas das imagens da coleção sejam já conhecidas e devidamente divulgadas; conhecidas e divulgadas sim, mas não sob a forma dos postais que integram a tal coleção.

Palavras-chave: Machado de Assis; Cinquentenário de morte; Iconografia machadiana.

Tão logo comecei o Mestrado em Letras da PUC Minas, no começo de 1992, passei a viajar para o Rio de Janeiro com certa frequência. Essas viagens tinham como primeiro propósito a compra de livros que tivessem a vida e a obra de Machado de Assis como objeto de investigação.

Em uma dessas primeiras idas ao Rio, dediquei-me exclusivamente a visitas de conhecimento de todos os sebos do centro. Meu roteiro ia do sebo São José, na rua do Carmo, ao Sebo, na Visconde do Rio Branco, passando pelo Eliazart, na Marechal Floriano, pelo Antiquário, na Visconde de Inhaúma, pelo Tiradentes, na Rua da Carioca, pelo Winston, na Buenos Aires e pelas lojas do Edifício da Avenida Central.

Entre um sebo e outro, visitei a Padrão e a Camões. Na Camões, soube que o leiloeiro Alberto Cohen faria um leilão de papéis e livros raros, no meio dos

* Texto recebido em outubro/2007 e aprovado para publicação em novembro/2007.

* Parte da introdução escrita para livro a ser editado pela Editora 34, de São Paulo.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa).

quais era anunciada uma coleção de 59 cartões postais dedicados ao registro da vida e da obra de Machado de Assis. Fui ao leilão com a esperança de arrematar a coleção. Para minha tristeza, o lance mínimo correspondia ao valor integral do salário que recebia por um mês de magistério na instituição de ensino superior que, à época, pagava o maior salário de Belo Horizonte. Tinha um contrato de 40 horas com a tal instituição. Quando os cartões foram anunciados, já tinha decidido que o meu décimo terceiro salário seria empregado ali: daria o lance de arremate contando com o depósito que seria feito naquela semana. Depois de disputar os postais com mais dois interessados, arrematei os cartões que tanto desejava.

Feliz, saí dali sem saber se a coleção estava ou não completa. Fui para o hotel com o propósito imediato de consultar o **Bibliographie descriptive, analytique et critique de Machado de Assis**, de Jean-Michel Massa. O livro registrava algumas referências sobre o lançamento dos cartões. Do hotel, que ficava atrás do Amarelinho, corri à hemeroteca da Biblioteca Nacional. Lá, encontrei uma das notas de imprensa referidas por Massa. O texto dizia:

Além da distribuição de uma iconografia de Machado de Assis, composta de trinta e três postais, que mostram sua vida e sua obra, iconografia mandada editar pela Biblioteca Municipal por iniciativa do professor Maciel Pinheiro, teremos hoje, o lançamento, ainda, na Livraria São José, a partir das 14 horas, de livros sobre o escritor reverenciado, da autoria do acadêmico Raimundo Magalhães Júnior, Augusto Méier, Eugênio Gomes, Astrogildo Pereira, e Dirce Cortes Riedel. Às 18 horas serão apresentados o número especial da **Revista do Livro**, do Instituto Nacional do Livro, e **Fontes para o estudo de Machado de Assis**, de J. Galante de Sousa, aguardado com vivo interesse, por ser seu autor o apaixonado estudioso e pesquisador da obra machadiana”.

Como se vê, o texto fala de uma série de 33 postais, e eu acabara de adquirir 59. Daí vieram-me as seguintes questões: teria havido um lançamento de 33, ampliados mais tarde para 59? Por que 59 e não 60, por exemplo?

Fui para o hotel sabendo que o gasto com a compra dos cartões encurtaria minha permanência no Rio. Retornei a Belo Horizonte no dia seguinte. Quando cheguei, fiz nova pesquisa na fonte bibliográfica de Jean-Michel Massa e vi que havia outros artigos de jornal noticiando o lançamento dos cartões. Um deles era de um jornal de Minas. Dirigi-me à hemeroteca do Arquivo Público Mineiro, que ficava na rua Aimorés entre João Pinheiro e Bahia, e fui direto ao artigo. Tratava-se de um texto da coluna “Literária”, escrita pelo crítico, ator e diretor teatral João Etienne Filho. Através do texto, Etienne conclamava os críticos mineiros a uma maior participação nas atividades comemorativas do cinquentenário de morte de Machado. Falava da inércia dos nossos críticos e elogiava a atuação dos cariocas.

organizador daquela coletânea ter-se-ia esquecido logo de **Dom Casmurro**? Concluí então que Etienne devia estar certo: eram 60 e o sexagésimo era a folha de rosto do romance de Capitu.



Procurei outros artigos de jornal que esclarecessem o problema, mas sem sucesso. Comecei então a telefonar para os machadólogos e críticos mais brilhantes que conhecia. Liguei inicialmente para Wilton Cardoso, que desconhecia a existência dos cartões. Liguei para Letícia Malard, que também ignorava o lançamento da iconografia. Falei depois com Gladstone Chaves de Melo e Josué Montello. Todos desconheciam o tal acervo. Fui ao MIS, à ABL e à BN, mas fui novamente malgrado. Nem essas instituições possuíam a coleção. A própria prefeitura do Rio de Janeiro, responsável pela edição dos cartões, já não tinha mais qualquer informação a respeito desse acervo iconográfico.

Como na época (1992/1993) ainda não estávamos conectados à rede mundial de computadores, fui a um posto da Telemig da minha cidade e consultei as páginas amarelas do catálogo telefônico do Rio de Janeiro: queria escrever aos leiloeiros e colecionadores de postais do Rio para encomendar-lhes uma nova coleção não só pela falta do sexagésimo, mas também em decorrência de um novo fato: naquele ano, eu namorava uma jovem que sentia ciúmes de Machado de Assis. A moça, durante uma crise de histeria, avançou em direção aos cartões, retirou do

conjunto o *fac-símile* da folha de rosto da comédia **A queda que as mulheres têm para os tolos** e, alcunhando-me de tolo, rasgou o cartão em 59 pedaços. Pronto: eu estava com menos um cartão... E ela com menos um namorado...

Dali por diante, comecei a requerer a compra de nova coleção aos colecionadores e leiloeiros que conhecia, mesmo se surgisse um conjunto tão incompleto quanto o meu mostrava ser.

Fiquei sem notícias de novos cartões até fins de julho de 2005. No dia primeiro de agosto daquele ano, recebi um *e-mail* de um bibliófilo paulista que me oferecia uma coleção incompleta. Comprei-a às cegas. A essa altura, já tinha ampliado meu círculo de amizades e conhecia mais machadólogos. Ana Maria Clark Peres, Antônio Carlos Secchin, Ruth Silviano Brandão e Ubiratan Machado são quatro dos que mais prezo. Escrevi para eles. Soube que Ubiratan tinha uma coleção que parecia mais completa que a minha (que agora estava na sua versão de 58 cartões), mas quando comprei o tal conjunto que vinha de São Paulo, vi que possuía mais de 60 cartões diferentes e que a minha coleção passou a ser mais completa que a do Ubiratan. Entretanto, continuava sem saber quantos cartões seriam.

Foi aí que apelei novamente para Secchin: queria que ele conversasse com o poeta Thiago de Mello, que era o diretor do Departamento de História e Documentação da Prefeitura do Rio em 1958 – ano do lançamento dos cartões –, para ver se ele tinha informação sobre o número exato de cartões lançados. Secchin, sempre muito gentil e atencioso, enviou-me o número do celular de Tiago de Mello.

A conversa com o poeta foi longa. Perguntei-lhe sobre todas as atividades culturais ligadas ao cinquentenário de morte de Machado que foram desenvolvidas em sua gestão do DHD. Thiago de Mello mencionou várias, muitas das quais eu desconhecia. Não citou os tais cartões postais. Quando introduzi esse assunto, lembrou-se imediatamente deles dizendo que tinha lançado 33 cartões. Quando afirmei possuir 66, espantou-se. Foi aí que se lembrou de sua ida para a Europa como Adido Cultural do Brasil exatamente naquele ano de 1958. Lembrou-se ainda que novo agente cultural fora indicado para substituí-lo no DHD e que, sem dúvida, como os tais trinta e três postais tinham feito muito sucesso, seu substituto deve ter editado outra leva de cartões. Quando lhe perguntei o nome do seu sucessor no DHD, fez uma pausa longa, deu um suspiro forte e afirmou: “— Olha, professor, tenho na memória a imagem viva daquele cidadão... Jornalista, magro, elegante, tímido e inteligente; sei até que já morreu, mas não me lembro do nome que tinha.

A conversa foi interrompida minutos depois dessa informação, aliás, frustrante, porque punha fim às especulações que poderiam explicar o número exato

dos cartões. Passado esse instante de frustração, refleti sobre as supostas duas levadas de cartões. Se a primeira teve 33, quantos a segunda teria?

Foi neste ponto de minhas conjecturas que resolvi esparramar os cartões novamente sobre a mesa. Fi-lo em dois blocos, para aproveitar melhor o formato retangular da mesa do meu escritório. Quando olhei fixamente para os dois retângulos idênticos que os dois grupos de postais compunham, tive uma intuição que poria fim à questão: teriam sido realizadas duas ordens de serviço de impressão gráfica em “formato 1”, cada qual comportando a medida exata de cada grupo de 33 cartões. Essa intuição nasceu da minha experiência de editor de livros: tinha na mente a memória visual de cada formato editorial; e cada um daqueles retângulos de cartões formava exatamente as medidas do chamado “formato 1” (uma folha de impressão com 99x66 cm). Supus que as ordens de serviço do DHD foram motivadas por questões de custos e pela praticidade de impressão, corte e acabamento (aspectos que aumentam bastante o aproveitamento do papel e agilizam as atividades do gráfico durante o processo de preparação de uma impressão qualquer).

Sabia que era apenas uma conjectura, mas uma conjectura com grandes possibilidades de ocorrência, uma vez que qualquer diagramador, gráfico ou editor sempre leva esses quesitos em conta durante o planejamento de um serviço gráfico qualquer – a ponto de alterar a concepção inicial dos projetos gráficos e editoriais em função desses aspectos e dos seus custos finais.

Como não obtive, da época da conversa com Tiago de Mello para cá, nenhuma informação nova sobre a quantidade de postais, tomei minha coleção por completa e simulei a recomposição da série a partir daquelas seções que mencionei atrás (Retratos, o Rio machadiano, Folhas de rosto, Documentos, Flagrantes e manuscritos).

A partir disso, criei uma fotobiografia de Machado de Assis, tomando a série de fotos como primeira linha discursiva dessa nova biografia. Além das fotos, coligi a famosa série de crônicas de Raul Pompéia, chamadas **A vida na corte**, inéditas na forma de livro e as pus no terceiro bloco da fotobiografia. A estrutura do livro ficou assim: Um primeiro bloco composto por um artigo de Antônio Carlos Sechin, outro de Hélio Seixas Guimarães e uma introdução feita por mim; um segundo bloco com estudos críticos e biográficos publicados em jornais brasileiros de 1958; um terceiro bloco com os 66 postais da iconografia em questão; e um quarto bloco com seleção de crônicas do **A vida na Corte**, de Raul Pompéia. Alexandre Sobreira Martins, doutor em tradução pela UFMG, fez a versão do material para o inglês, o que permitiu a preparação de uma edição bilíngüe. Além disso, importa dizer que os postais estão associados a diversas citações que fiz de trechos de obras dos principais biógrafos e críticos de Machado de Assis. Com

isso, a fotobiografia ganhou uma interessante estrutura polifônica, uma vez que as imagens compõem uma primeira linha discursiva intercalada ora pelas citações de obras críticas, ora pelos estudos biográficos, ora pelos textos machadianos que ajudam na identificação das imagens retratadas.

Vejam-se os créditos das imagens retratadas pelos 66 cartões da coleção:

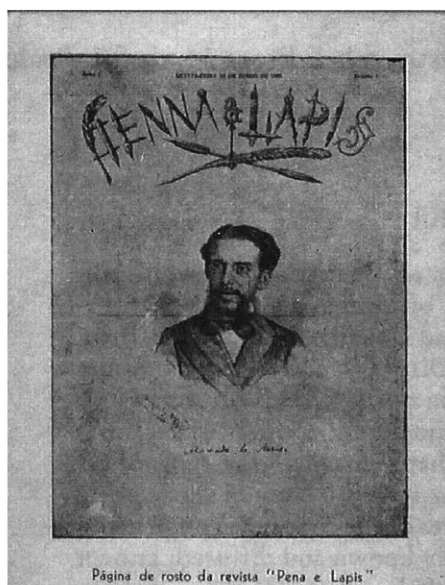
- 01) Cartão de apresentação da “iconografia machadiana”;
- 02) Morro do Livramento;
- 03) Rio machadiano – bonde de burros;
- 04) Rio machadiano – Largo do Campim;
- 05) Rio machadiano – Teatro Lírico;
- 06) Rio machadiano – Rua Estreita de São Joaquim;
- 07) Rio machadiano – Edifício da Imprensa Nacional, no Largo da Carioca, inaugurado em 1860 e demolido em 1942;
- 08) Largo da Mãe do Bispo em 1903 (atual Praça Floriano);
- 09) Antigo edifício do Ministério da Agricultura e Comércio;
- 10) Panorama da cidade em 1854 (Panorama do Rio de Janeiro). Paris, 1855);
- 11) Biblioteca Nacional – Rua do passeio;
- 12) A Imprensa Nacional, 1836 a 1860 então localizada no pavimento inferior da Câmara dos Deputados, na rua da Misericórdia;
- 13) Machado de Assis aos 25 anos;
- 14) Machado de Assis aos 45 anos;
- 15) Machado de Assis aos 58 anos;
- 16) Machado de Assis aos 68 anos;
- 17) Machado de Assis e o ramo do Carvalho de Tasso (H. Bernardelli);
- 18) Dona Carolina Machado de Assis;
- 19) A casa em Cosme Velho onde viveu e morreu Machado de Assis;
- 20) Manoel Antônio de Almeida;
- 21) Francisco de Paula Brito, diretor da **Marmota Fluminense**, jornal em que estreou Machado de Assis, em 1855;
- 22) José de Alencar, (1829-1877) Patrono da Cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras;
- 23) Lafayette Rodrigues Pereira, (1834-1917) 2º Ocupante da Cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras;
- 24) Alfredo Pujol, (1865-1930) 3º Ocupante da Cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras;
- 25) Academia Brasileira de Letras – Cadeira número 23 – Octávio Mangabeira, eleito em 1930 e recebido em 1934;
- 26) Máscara mortuária de Machado de Assis;
- 27) Essa em que foi colocado o corpo de Machado de Assis, na Secretaria da

- Academia Brasileira de Letras (Silogeu Brasileiro), transformada em câmara ardente;
- 28) Enterro de Machado de Assis – O caixão que encerra o corpo de Machado de Assis, ao sair da Academia Brasileira de Letras, carregado pelos senhores Rui Barbosa e Coelho Netto, Graça Aranha e Raimundo Correia, Olavo Bilac e Euclides da Cunha, Rodrigo Otávio e Afonso Celso;
 - 29) Enterro de Machado de Assis – O cortejo fúnebre em marcha;
 - 30) Enterro de Machado de Assis – Aspecto do cortejo fúnebre em marcha;
 - 31) Página de rosto do jornal **Marmota Fluminense**, onde estreou literariamente Machado de Assis, em 12/1/1855;
 - 32) Primeiro trabalho literário publicado por Machado de Assis, na **Marmota Fluminense**, a 12/1/1855;
 - 33) Autógrafo de Machado de Assis;
 - 34) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Desencantos**;
 - 35) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Queda que as mulheres têm para os tolos**;
 - 36) Cabeça do primeiro número do **Diário Oficial**, do qual Machado de Assis foi um dos diretores;
 - 37) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Theatro**;
 - 38) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Quase Ministro**;
 - 39) Termo de contrato das **Crisálidas**;
 - 40) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Chrysalidas**;
 - 41) Reprodução fac-similar da edição “princeps” do **Jornal das Famílias**;
 - 42) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Os trabalhadores do mar**;
 - 43) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Os deuses de casaca**;
 - 44) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Phalenas**;
 - 45) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Contos fluminenses**;
 - 46) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Ressurreição**;
 - 47) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Hygiene para uso dos mestre-escolas**;
 - 48) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Histórias da meia noite**;
 - 49) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **A mão e a luva**;
 - 50) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Americanas**;
 - 51) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Helena**;
 - 52) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Yayá Garcia**;
 - 53) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Penna e lápis**;
 - 54) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Tu, só tu, puro amor**;
 - 55) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Memórias posthumas de Braz Cubas**;

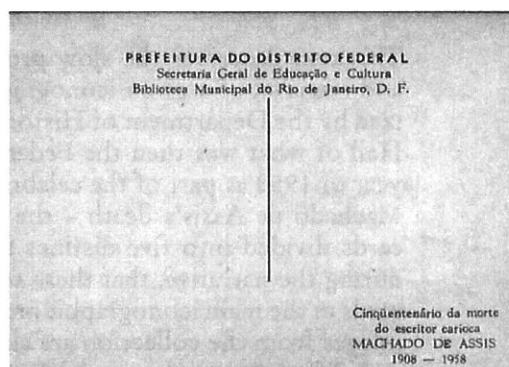
- 56) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Papeis avulsos**;
- 57) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Gazeta Litteraria**;
- 58) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Histórias sem data**;
- 59) Folha de rosto da primeira e única edição de **Terras – compilação para estudos**;
- 60) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Quincas Borba**;
- 61) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Várias histórias**;
- 62) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Páginas recolhidas**;
- 63) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Poesias completas**;
- 64) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Esaú e Jacob**;
- 65) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Relíquias de casa velha**;
- 66) Reprodução fac-similar da edição “princeps” de **Memorial de Ayres**.

Todos os cartões possuem as mesmas características: o anverso apresenta a imagem sempre em preto e branco e emoldurada por uma barra retangular de cerca de 1,5 cm (da cor do papel cartão); e o verso traz, em três linhas, no alto da página e de modo centralizado, as seguintes inscrições: PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL//Secretaria Geral de Educação e Cultura//Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro, D. F. No canto inferior direito, em quatro linhas e também de modo centralizado, estão as seguintes informações: Cinquentenário da morte//do escritor carioca//MACHADO DE ASSIS//1908-1958.

Vejam-se essas imagens:



Página de rosto da revista "Pena e Lapis"



O primeiro cartão, o de apresentação da coleção, traz o seguinte conteúdo:

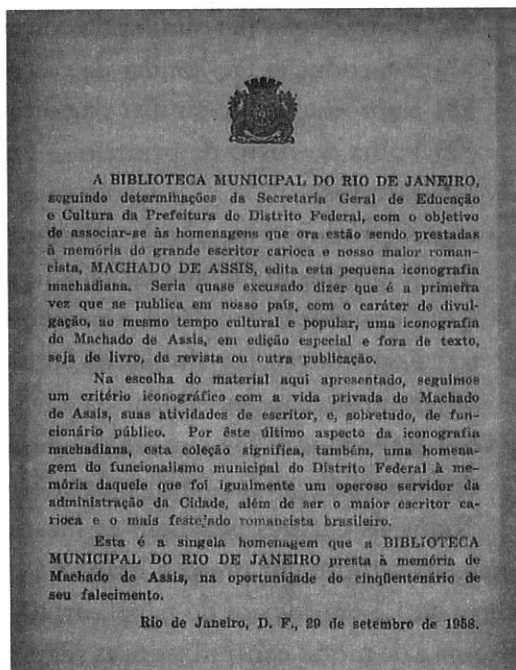
A Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro, seguindo determinações da Secretaria Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, com o objetivo de associar-se às homenagens que ora estão sendo prestadas à memória do grande escritor carioca e nosso maior romancista, Machado de Assis, edita esta pequena iconografia machadiana. Seria quase escusado dizer que é a primeira vez que se publica em nosso país, com caráter de divulgação, ao mesmo tempo cultural e popular, uma iconografia de Machado de Assis, em edição especial e fora de texto, seja de livro, de revista ou outra publicação.

Na escolha do material aqui apresentado, seguimos um critério iconográfico com a vida privada de Machado de Assis, suas atividades de escritor, e, sobretudo, de funcionário público. Por este último aspecto da iconografia machadiana, esta coleção significa, também, uma homenagem do funcionalismo municipal do Distrito Federal à memória daquele que foi igualmente um operoso servidor da administração da Cidade, além de ser o maior escritor carioca e o mais festejado romancista brasileiro.

Esta é a singela homenagem que a Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro presta à memória de Machado de Assis, na oportunidade do cinquentenário de seu falecimento.

Rio de Janeiro, D. F., 29 de setembro de 1958.

A fotobiografia será lançada neste semestre pela **Editora 34**, de São Paulo.



Abstract

This text describes the slow process of identification, acquisition and retrieval of a given iconography of Machado de Assis. Organized by the Department of History and Documentation of the Town Hall of what was then the Federal District – and issued along the year of 1958 as part of the celebration of the fiftieth anniversary of Machado de Assis's death – the iconography consists of 66 postcards divided into five distinct thematic groups. One can notice, during the narrative, that there seems to be no copy of those postcards in the main iconographic archives of the country, though many images from the collection are already known and diffused; known and diffused, but not in the form of the postcards that integrate collection.

Key words: Machado de Assis; Fiftieth death anniversary; Machado de Assis's iconography.